

MIKKEL BIRKEGAARD

A BIBLIOTECA  
DAS SOMBRAS

Tradução de Mário Dias Correia

# 1

Para Luca Campelli, o desejo de morrer no meio dos seus adorados livros tornou-se realidade já tarde numa noite de Outubro.

Era, claro, um desses desejos nunca formulados em palavras ou pensamentos, mas quem já tivesse visto Luca na sua loja de alfarrabista sabia que tinha de ser verdade. O pequeno italiano movia-se por entre as pilhas de livros da Libri di Luca como se estivesse na sua sala de estar e sabia, sem hesitação, encaminhar os clientes exactamente para a pilha ou estante onde se encontrava o que procuravam. O amor de Luca pela literatura e pelos livros tornava-se óbvio ao cabo de alguns minutos de conversa, quer estivesse a falar de um vulgar exemplar de capa mole ou de uma rara primeira edição. Aquele género de conhecimento era testemunho de uma vida inteira ligada aos livros, e a autoridade dele no meio das estantes tornava difícil imaginá-lo fora da reconfortante atmosfera de devoção que impregnava toda a livraria.

Era esta a razão que tornava única aquela noite, porque, para lá do facto de estar destinada a ser a derradeira de Luca Campelli, decorrera uma semana inteira desde a última vez que ele pusera os pés na loja. Desejoso de voltar ao seu mundo, apanhou um táxi directamente do aeroporto para a livraria, no bairro de Vesterbro, em Copenhaga. Durante a viagem, teve dificuldade em manter-se quieto, e quando o táxi finalmente se deteve, estava tão cheio de pressa de pagar e apagar-se que deu ao taxista uma gorjeta mais do que generosa,

só para não ter de esperar pelo troco. Satisfeito, o homem tirou as duas malas da bagageira do carro e deixou o velho sozinho no passeio.

A loja estava às escuras e parecia tudo menos acolhedora, mas Luca sorriu ao ver a fachada familiar com «Libri di Luca» pintado em letras douradas nos vidros das montras. Pegou nas malas, atravessou os poucos metros de passeio até à porta e pousou-as pesadamente no degrau. Quando desabotoou o sobretudo para procurar o porta-chaves no bolso interior, as abas do casaco drapejaram com o vento outonal.

O som das campainhas da entrada deu-lhe as boas-vindas, e Luca apressou-se a levar as malas para dentro e pousá-las na alcatifa vermelha para poder fechar a porta. Endireitou-se e ficou imóvel, de olhos fechados, enquanto inspirava profundamente pelo nariz, a saborear o familiar cheiro a papel amarelecido e couro antigo. Ficou assim vários segundos, até que as notas melodiosas das campainhas esmoreceram e se calaram. Só então abriu os olhos e acendeu a luz do tecto, apesar de não ser verdadeiramente necessário. Depois de mais de cinquenta anos a percorrer aquele espaço, conseguia orientar-se no escuro sem qualquer problema. Mesmo assim, accionou todos os interruptores do painel escondido atrás da porta, para acender também as luzes por cima de cada secção e as lâmpadas que iluminavam os expositores de vidro do mezanino.

Passou para trás do balcão, despiu o sobretudo e tirou de um pequeno armário uma garrafa e um copo, que encheu de *cognac*. Feito isto, colocou-se no meio da loja iluminada e olhou em redor com um sorriso satisfeito. Um pequeno gole do líquido ambarino completou o momento. Assentiu para si mesmo com um movimento de cabeça e inspirou fundo.

De copo na mão, percorreu as coxias devagar, estudando as filas de livros. Provavelmente, outros olhos não teriam conseguido detectar as mudanças que tinham ocorrido durante aquela semana, mas os dele registaram até as mais pequenas diferenças. Livros que tinham sido vendidos ou mudados de lugar, novos volumes introduzidos no meio dos antigos, pilhas deslocadas ou reorganizadas. Na sua ronda, empurrou as lombadas de modo a que os livros ficassem perfeitamente alinhados, e mudou títulos que tinham sido mal arrumados. De vez em

quando, pousava cuidadosamente o copo para tirar da prateleira um livro que nunca tinha visto. Folheava-o com curiosidade, examinava o tipo e o corpo de letra, e passava os dedos pela textura do papel. Finalmente, fechava os olhos e levava o livro ao nariz, para aspirar o aroma especial daquelas páginas, como se fosse um vinho de reserva. Depois de estudar mais uma vez a página de rosto e a capa, repunha o volume no seu lugar, dedicando-lhe um encolher de ombros ou um sorriso de reconhecimento. Assentiu mais vezes com a cabeça do que encolheu os ombros enquanto percorria a livraria, pelo que as transacções do assistente, feitas durante a ausência do proprietário, pareciam ter sido aceitáveis.

O assistente chamava-se Iversen e trabalhava na loja havia tanto tempo que era mais uma parceria do que de uma relação patrão/empregado. No entanto, apesar de o amor de Iversen pelo negócio em nada ser inferior ao do próprio Luca, nunca se chegara a falar de constituir uma verdadeira sociedade. Luca herdara a loja do pai, Arman, e o objectivo sempre fora que permanecesse nas mãos da família Campelli.

Desde então, quase nada mudara, excepto, claro, o mezanino construído posteriormente. Com um bom metro e meio de largura, corria ao longo das quatro paredes. Uma adição a que os clientes habituais tinham rapidamente começado a chamar «o Paraíso», por ser lá que eram guardados os exemplares mais raros e valiosos, protegidos e exibidos em expositores de vidro.

Antes de subir ao mezanino, Luca voltou ao pequeno armário por baixo do balcão para se servir de mais um pouco de *cognac*. Depois dirigiu-se ao fundo da loja e subiu a escada de caracol que permitia o acesso ao andar de cima. Os velhos degraus rangeram ameaçadoramente quando os pisou, mas ele continuou a subir, sem se deixar intimidar, e pouco depois chegou ao seu destino, voltando-se para observar a loja. Com um pouco de imaginação, as filas de estantes em baixo poderiam assemelhar-se a um labirinto de sebes bem aparadas, mas ele estava demasiado familiarizado com o cenário para se perder, e os seus olhos pousaram nas duas malas que deixara junto à porta.

Um sobrolho franzido e uma expressão subitamente preocupada ensombraram-lhe o rosto enrugado, e pareceu estar a contemplar

regiões mais distantes do que o chão lá em baixo. Pensativo, levou o copo aos lábios e aspirou o aroma do *cognac* antes de beber um pequeno gole e desviar os olhos das malas para os expositores de vidro no mezanino.

As lâmpadas derramavam uma luz suave no seu interior, dando aos volumes que estes protegiam um brilho dourado, romântico; pareciam objectos de arte. Alguns estavam abertos de modo a mostrar ilustrações coloridas e representações fantásticas das histórias que continham; outros, fechados, ostentavam a arte e o cuidado postos na encadernação e no trabalho do couro.

Luca caminhou lentamente ao longo do mezanino, com uma mão na balaustrada e a outra a segurar o copo de *cognac*, que fazia rodopiar em pequenos e cuidadosos círculos enquanto o seu olhar ia passando pelo conteúdo dos expositores. Normalmente, havia poucas alterações nas obras ali expostas, uma vez que não eram muitos os clientes que podiam permitir-se comprá-las; e os que podiam adquiriam poucos volumes, criteriosamente escolhidos para as suas colecções.

Os novos livros provinham quase exclusivamente de compras feitas a herdeiros ou, com menos frequência, em leilões especializados.

Por isso Luca se imobilizou quando os seus olhos pousaram num determinado volume. Franziu o sobrolho e pousou o copo na balaustrada antes de se inclinar sobre o vidro e estudar o livro mais de perto. Tinha sido encadernado em couro preto, com letras e motivos gravados a ouro; o corte das páginas era também dourado. Quando se aproximou o suficiente para ler o título e o nome do autor, arregalou os olhos: era nada menos que um exemplar encadernado à mão de *Operette morali*, de Giacomo Leopardi, em condições soberbas e presumivelmente em italiano, a língua original... e a língua materna de Luca.

Claramente emocionado, ajoelhou-se e abriu o expositor. Com as mãos a tremer, tirou do bolso da camisa os óculos de ler, que encavalitou no nariz e, lentamente, como se não quisesse assustar a sua presa, inclinou-se para a frente e pegou no livro com ambas as mãos. Tendo-se apoderado do troféu, retirou-o da caixa de vidro e estudou-o em êxtase. Fundas rugas cavaram-se-lhe na testa e, com um movimento súbito, levantou-se e olhou desconfiado em redor, como se

sentisse que alguém o vigiava, uma testemunha escondida da sua extraordinária descoberta. Não vendo ninguém, voltou a concentrar-se no livro, abrindo-o com gestos cautelosos.

Viu que era uma primeira edição, uma circunstância que, juntamente com a data de publicação, 1827, justificava amplamente o facto de ter sido colocado no Paraíso. O papel era de uma gramagem alta, e Luca fez deslizar os dedos pela sua superfície com visível prazer. Em seguida, levou o livro ao nariz e cheirou-o. Tinha um odor levemente adocicado, qualquer coisa que assumiu ser louro.

Com uma curiosidade atenta e vagarosa, começou a voltar as páginas, detendo-se numa gravura a talho-doce que mostrava a Morte encapuzada e a empunhar uma foice. A ilustração tinha sido magnificamente executada e, apesar de a ter examinado com todo o cuidado, não conseguiu encontrar-lhe defeito. A gravura a talho-doce, esse método de impressão tão difícil, fora largamente usada no século XIX e distinguia-se por permitir um pormenor e uma subtilidade muito maiores do que até as melhores xilogravuras. Além disso, o papel tinha de ser impresso duas vezes, dado que a tinta só assentava nas depressões da chapa, ao contrário do corpo do texto, que era fundido em chumbo e sobrelevado.

Voltou mais algumas páginas, admirando com entusiasmo as restantes gravuras a talho-doce que o livro continha. Na última página, voltou a franzir o sobrolho. Era ali que normalmente introduziam um pedaço de papel do tamanho de um cartão-de-visita com o preço e o nome da livraria. Mas não havia papel algum. O facto de Iversen ter investido numa obra tão valiosa sem o consultar era, só por si, suficientemente estranho, mas expor o livro para venda sem qualquer indicação de preço parecia contrariar a sua natureza meticulosa.

Passou novamente os olhos pela loja, como se esperasse que uma comissão de boas-vindas surgisse repentinamente do nada e lhe desse uma explicação para o mistério, mas muito poucas pessoas tinham conhecimento da sua viagem ou do seu regresso a casa; e as que sabiam estavam bem conscientes de que a ocasião não era para celebrações.

Encolheu os ombros, abriu o livro mais ou menos a meio e começou a ler em voz alta. No mesmo instante, todas as dúvidas lhe

desapareceram do rosto, substituídas pela alegria de ler na sua língua materna. Pouco depois, ergueu a voz e deixou as palavras derramarem-se livres pelos corredores feitos de estantes e livros. Havia muito tempo que não lia em italiano, e por isso precisou de algumas páginas antes que a sonoridade certa lhe ocorresse naturalmente e antes de encontrar o ritmo do poema. Mas não havia dúvida de que estava a saborear o momento; os olhos brilhavam-lhe de felicidade, e a sua expressão alegre contrastava com a melancolia do texto.

Durou apenas um instante. Subitamente, o entusiasmo de Luca deu lugar à surpresa, e ele retrocedeu dois passos, a cambalear, chocando contra o expositor. Com o olhar fixo no livro, continuou a ler, enquanto estilhaços de vidro caíam à sua volta. O terror tomou conta do seu olhar, e os nós dos dedos ficaram brancos devido à força com que agarrava o volume. Com movimentos bruscos, quase mecânicos, cambaleou para a frente e, quando embateu na balaustrada, o choque foi suficientemente forte para derrubar o copo de *cognac*, que caiu no chão lá em baixo. A alcatifa abafou o som do vidro a estilhaçar-se.

O seu tom de voz mantinha-se alto e forte, mas o ritmo tornara-se irregular, espasmódico. A testa do velho cobriu-se de suor e o rosto ficou vermelho do esforço. Duas gotas de suor escorreram-lhe pelo nariz e ficaram momentaneamente suspensas da ponta antes de caírem no livro. O papel espesso absorveu-as como gotas de chuva no leito seco de um rio.

Os olhos esbugalhados, fixos no texto, não piscaram uma única vez, nem sequer quando o suor escorreu para dentro deles. As pupilas seguiam rigorosamente as linhas escritas nas páginas, e por mais que tentasse desviar o olhar, Luca não conseguia arrancá-lo ao livro. Todo o seu corpo era sacudido por violentas convulsões e um esgar horrível deformava-lhe o rosto normalmente bondoso.

Apesar de tudo isto, a voz continuava a projectar-se na sala, balbuciante e ocasionalmente interrompida, a que logo se seguia um jorro de palavras. Já não havia qualquer ritmo na sua leitura; as frases eram entrecortadas e combinadas sem qualquer respeito pelas regras gramaticais, e a ênfase posta em sílabas individuais tornava-se cada vez mais aleatória à medida que a velocidade do discurso aumentava. Embora ainda se conseguisse distinguir as palavras, a enunciação e a

sintaxe deixaram de ser compreensíveis. As frases que proferia estavam despidas de qualquer conteúdo reconhecível. O ritmo acelerou significativamente e o fluxo de palavras só era interrompido por inspições, que mais pareciam um estertor, onde vibrava o pânico.

O corpo tremia agora tão violentamente que a balaustrada a que estava encostado começou a vibrar, fazendo ranger a madeira. O suor saía-lhe em torrentes, encharcando-lhe as roupas, formando manchas escuras na alcatifa.

De repente, o jorro de palavras cessou e o corpo parou de tremer. Os olhos de Luca continuavam fixos no livro, mas a expressão de pânico tinha desaparecido. O seu olhar encheu-se de doçura e uma grande calma espelhou-se-lhe no rosto. Lentamente, inclinou o velho corpo sobre a balaustrada, o livro escorregou-lhe das mãos suadas e, com as páginas a adejar, caiu no chão lá em baixo. A balaustrada gemeu ominosamente sob o peso de Luca e, uma parte dela soltou-se com um estalido, espalhando lascas de madeira por toda a loja. Por um instante, Luca ficou imóvel, caindo depois para a frente, já sem vida, e mergulhando no chão, três metros mais abaixo. Os membros flácidos agitaram-se, descontrolados, derrubando estantes e livros no meio de uma nuvem de pó.

Com um baque surdo, o corpo de Luca Campelli caiu no meio de duas estantes, ficando imediatamente soterrado por uma pilha de livros, madeira e pó.